



*IV COLÓQUIO DE ESTUDOS  
GRECO-ROMANOS*

**Urbano e rural na época  
clássica e pós-clássica**

**CADERNO DE RESUMOS E  
PROGRAMAÇÃO**





IV COLÓQUIO DE ESTUDOS GRECO-ROMANOS

# URBANO E RURAL NA ÉPOCA CLÁSSICA E PÓS-CLÁSSICA



# FICHA TÉCNICA

## **REITOR DA UFES:**

Eustáquio de Castro

## **REITOR DA UMINHO:**

Rui Vieira de Castro

## **COORDENADOR DO PPGHIS:**

Julio César Bentivoglio

## **PRESIDENTE DA UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UMINHO:**

Maria do Carmo Franco Ribeiro

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Belchior Monteiro Lima Neto

Érica Cristhyane Morais da Silva

Gilvan Ventura da Silva

## **COMISSÃO CIENTÍFICA**

Fábio Duarte Joly (UFOP)

Renan Frighetto (UFPR)

Thiago Eustáquio Araújo Mota (UPE)

## **PROGRAMAÇÃO VISUAL E SECRETARIA DO EVENTO:**

Raphael Keller Campos

Vitória Pessini Pizetta

## **COORDENAÇÃO DE MONITORIA**

Davi Santos Barros

Gabryel Garcia Lima

## **MONITORES**

Caio de Siqueira Ribeiro

Guilherme Felipe Altoé

Julia Rodrigues Chagas

Maria Eduarda Barbosa

Maria Eduarda Monteiro Clarismundo

Matheus Barros de Oliveira

# **PROGRAMAÇÃO**

(Todas as atividades ocorrerão na Biblioteca Central, Sala Carlos Drummond de Andrade)

**26 DE NOVEMBRO (3ª FEIRA)**

10:00h às 10:30h – **Solenidade de abertura**

10:30h às 12:00h – **Conferência de abertura**

Manuela Martins (Universidade do Minho)

*A cidade de 'Bracara Augusta' e o seu território: velhas questões e novas leituras*

12:00 às 14:00 – **Almoço**

14:00h às 16:00 h - **Mesa de Palestras I**

Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos (USP)

*Expansão fenícia na Península Ibérica: modos de ocupação diversificados?*

Marcia Severina Vasques (UFRN)

*Espaço urbano no Egito romano: entre a tradição e a inovação*

Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)

*Urbanização e rotas transaarianas na Antiguidade: Garama e as conexões comerciais no Saara (sécs. I a.C.-IV d.C.)*

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de Palestras II**

Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)

*Cícero, a cidade e o cosmos*

Deivid Valério Gaia (UFRJ)

*Cultivar a terra ou emprestar dinheiro a juros? Considerações sobre a rentabilidade da vinha face ao mercado de crédito na Roma do início do século I d.C.*

João Carlos Furlani (UFES)

*A paisagem comercial de Constantinopla: estruturas econômicas, cotidiano e desenvolvimento de uma metrópole pós-clássica*

**27 DE NOVEMBRO (4ª FEIRA)**

10:00h às 12:00h – **Mesa de Palestras III**

Fábio de Souza Lessa (UFRJ)

*Cenas de intimidade e de 'philia' nos ginásios atenienses*

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)

*Culto de Poseidon em Corinto Arcaica*

Camila Alves Jourdan (UERJ/Faperj)

*A produção de cerâmica ática para o uso em contexto funerário: as emoções do luto representadas*

12:00 às 14:00h – **Almoço**

14:00h às 16:00 h – **Mesa de Comunicações**

Esdra Erlacher (UFES/Capes)

*Administração pública, vida urbana e conflito: a atuação política de Dion em Prusa (sécs. I-II d.C.)*

Guilherme de Aquino Silva (UFES/Capes)

*Etnografia na bacia do Danúbio pré-romano: um mapeamento dos 'ethne' no período anterior ao influxo romano*

Edjalma Nepomoceno Pina (UFES/Capes)

*O arquétipo do homem rústico em Apuleio e no mosaico da 'Villa dos Laberii': uma análise à luz da 'Physiognomonía', de Polemon (séc. II-III d.C.)*

Anderson Leonardo Vaz Stein (UFES)

*O domínio bárbaro e o ideal cidadão de Salviano em 'De Gubernatione Dei' (séc. V)*

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30h – **Mesa de Palestras IV**

Vagner Carvalheiro Porto (USP)

*Villa Romana del Casale, uma 'villa' tardo-romana da Sicília*

Helena Amália Papa (UNIMONTES)

*Mobilidade urbana na Antiguidade Tardia: um estudo da fuga de aristocratas da cidade de Cesareia, província da Capadócia (séc. IV EC)*

Gilvan Ventura da Silva (UFES)

*A administração municipal na Antiguidade Tardia: Libânio e o controle da 'curia' de Antioquia pelos 'principales'*

18:30h às 20:00h – **Conferência**

Rebeca Blanco-Rotea (Universidade do Minho)

*Dos núcleos rurais ao espaço urbano medieval. A construção de uma cidade em Santiago de Compostela*

**28 DE NOVEMBRO (5ª FEIRA)**

9:30h às 12:00h – **Mesa de Palestras V**

Paulo Duarte Silva (UFRJ)

*Cidades e episcopado na Primeira Idade Média: os casos de Roma e Arles (séculos V-VI)*

Érica Cristhyane Morais da Silva (UFES)

*A reconstrução de Antioquia de Orontes entre os séculos VI e VIII*

Renata Cristina de Souza Nascimento Pereira (UFG/PUC-GO)

*A sacralização da Urbe: Lisboa medieval e Oviedo; modelos na construção de uma toponímia sublime*

Carolina Coelho Fortes (UFF)

*Fra Angélico e a pregação pela imagem: o urbano e o rural nas obras de Giovanni de Fiesole*

12:00 às 14:00 – **Almoço**

14:00h às 15:30 h – **Conferência de encerramento**

Maria do Carmo Franco Ribeiro (Universidade do Minho)

*A cidade e o território de Braga entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média*

# RESUMOS

## CULTO DE POSEIDON EM CORINTO ARCAICA

*Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)*

A apresentação visa identificar as esferas de atuação de Poseidon na região do Istmo de Corinto durante o período arcaico. Em três santuários, a sua presença se manifesta em diferentes atividades relacionadas às práticas equestres, marítimas e comerciais. A comunicação dará especial atenção ao culto de Poseidon no santuário de *Penteskouphia* e as representações em *pinakes* – placas de argila – dedicadas à divindade.

## O DOMÍNIO BÁRBARO E O IDEAL CIDADINO DE SALVIANO EM *DE GUBERNATIONE DEI* (SÉC. V)

*Anderson Leonardo Vaz Stein (UFES)*

Nascido no início do século V, na Gália Bélgica, Salviano tem sua trajetória legada à posteridade principalmente pela atuação como presbítero em Marselha. O autor fornece um dos principais relatos sobre as cidades romanas ocidentais no período, através da obra *De Gubernatione Dei*. Sua experiência pessoal diante do controle progressivo de sociedades bárbaras no território romano, bem como a própria migração para o sul das Gálias, em decorrência da desagregação política e militar do Império, torna ímpar o relato sobre os fatos. *De gubernatione Dei* é um tratado religioso que discute o enfraquecimento do Império Romano do Ocidente sob a perspectiva da atuação divina no plano terrestre. A desagregação do Estado, as perdas territoriais, a destruição e o saque de cidades pelos estrangeiros seriam uma punição divina diante dos desvios morais dos próprios romanos. Predomina na argumentação do autor a crítica aos costumes locais, em contrapartida a virtudes e hábitos implementados pelos bárbaros que passaram a dominar as cidades. Nesse sentido, Salviano descreve a emergência de um novo modelo cidadão ocidental, a partir de elementos romano-germânicos, com a proposta de reformulação do espaço e de seus usos na *urbs*, em especial através da dissolução de lugares de espetáculo como anfiteatros, teatros e circos. Ainda, observa-se que a reformulação na forma de pensar a

cidade é acompanhada pela concepção de um tipo de cristão, seguidor da moral religiosa e abdicado dos espetáculos públicos.

## **URBANIZAÇÃO E ROTAS TRANSAARIANAS NA ANTIGUIDADE: GARAMA E AS CONEXÕES COMERCIAIS NO SAARA (SÉCS. I A.C.-IV D.C.)**

*Belchior Monteiro Lima Neto (UFES)*

Garama é a mais antiga manifestação da experiência urbana no deserto do Saara, fruto de uma posição geográfica privilegiada, tanto em termos de recursos hídricos, quanto no sentido de uma localização central nas carreiras transaarianas. Os artefatos estrangeiros encontrados na cidade e em seus vilarejos satélites comprovam a pujança do comércio transaariano antigo, contradizendo um lugar de memória historiográfico que o creditava ao período islâmico (a partir do século VII). As recentes investigações histórico-arqueológicas que se debruçam sobre a região do Fezã demonstram a existência de um Estado centralizado que geria uma sociedade urbana, hierarquizada e complexa, estruturada em torno de uma exploração agrícola intensiva e com sofisticada tecnologia hidráulica. O próprio desenvolvimento de Garama, com a construção de edifícios monumentais e a consolidação de uma extensa rede urbana satélite, é marca material ainda visível desse processo, que, inegavelmente, posicionou a capital dos garamantes como o mais importante porto caravaneiro saariano na Antiguidade.

## **A PRODUÇÃO DE CERÂMICA ÁTICA PARA O USO EM CONTEXTO FUNERÁRIO: AS EMOÇÕES DO LUTO REPRESENTADAS**

*Camila Alves Jourdan (UERJ/Faperj)*

Desde o período arcaico (séculos VIII-VI a.C.), a produção de vasos e placas fúnebres contendo representações funerárias destacou-se em Atenas. Assim, a demanda de organização da cidade empreendeu o desenvolvimento de um espaço reservado para a produção cerâmica na *ásty* (centro urbano) dessa pólis. O *kerameikos* ficava a noroeste da

Acrópole e, após a construção da muralha da cidade por Temístocles (século V a.C.), foi dividido em duas partes: no espaço intramuros permaneceram as oficinas dos oleiros e ceramistas, enquanto que no extramuros manteve-se o cemitério. Aliada à proximidade espacial, a temática mortuária nas cenas representadas na produção de cerâmica pode ser atestada muito rapidamente nas imagens figuradas no estilo geométrico (século VIII a.C.) e na continuidade do desenvolvimento de novas técnicas (figuras negras e figuras vermelhas). A expressão das emoções nessas cenas de contexto funerário ocorria, especialmente, a partir da disposição dos corpos de homens e mulheres com relação ao falecido. Tendo em vista tais relações, nosso objetivo é enfatizar a relevância da produção de cerâmica para a pólis dos Atenenses (no papel de consumidores) como elemento que compõe o rito mortuário. Para tanto, propomos analisar as cenas e as expressões corporais em um conjunto de vasos de cerâmica e de placas fúnebres áticas dos séculos VIII ao V a.C., evidenciando as emoções do luto.

## **FRA ANGELICO E A PREGAÇÃO PELA IMAGEM: O URBANO E O RURAL NAS OBRAS DE GIOVANI DE FIESOLE**

*Carolina Coelho Fortes (UFF)*

A relação dos medievais com a natureza caracterizava-se por um misto de maravilhamento, pavor e indiferença. Conforme as cidades crescem e vão se espalhando pelo Ocidente, o campo e a natureza que o domina, tornam-se mais visíveis, por contraste, aos olhos de homens e mulheres medievais. Um deles, homem que nasce no campo e passa parte de sua vida na grande cidade de Florença, é Giovanni de Fiesole. Também conhecido como Fra Angelico, o frade dominicano conhecido hoje como um dos iniciadores do Renascimento produziu, na primeira metade do século XV, vasta obra imagética. Nessa apresentação, concentrar-nos-emos nas obras com as quais o pintor ornou o convento onde passou seus últimos anos, o convento de São Marcos de Florença. Nesses afrescos, que já foram entendidos como uma síntese pictórica da teologia dominicana, buscaremos perceber o lugar dado às paisagens urbanas e

rurais, como expressão tanto do contexto conturbado pelo qual passa a Ordem dos Frades Pregadores nas décadas iniciais do século XV, quanto como produto das transformações urbanas da Península Itálica.

## CÍCERO, A CIDADE E O COSMOS

*Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)*

O sexto e último livro de *De re publica*, de Cícero, conhecido como *Sonho de Cipião*, é o ponto culminante do diálogo sobre a melhor forma de governo. Nele, Cipião Emiliano relata um sonho com seu avô adotivo, Cipião Africano, que o leva a uma viagem astral. O Africano mostra ao neto a ordem dos planetas, a música das esferas celestes, a pequenez da Terra e a morada celeste reservada aos bons estadistas, aos músicos e aos estudiosos na Via Láctea. Tradicionalmente, lê-se o *Sonho de Cipião* como uma peça isolada do diálogo, e os acidentes da transmissão manuscrita e o estado fragmentário do texto ajudaram a consolidar esta leitura restritiva. O diálogo, contudo, tem início com a discussão do fenômeno do *parhelion* por Cipião e Tubero e, com a entrada de Lélío e Filo em cena, o tema das duas esferas celestes de Arquimedes orienta o discurso de Cipião sobre a política. Temas astrais, a linguagem científica e metáforas astronômicas pontuam as falas das personagens. Longe de ver os temas astronômicos e o paralelismo entre o microcosmo (Roma) e o macrocosmo (o universo-*mundus*) como meras analogias sem maiores consequências, estudos recentes demonstraram que esses temas devem ser lidos como elementos centrais do diálogo. Esta apresentação lidará com quatro tópicos do material astral e cosmológico do *De re publica*: o aparecimento do duplo sol, os dois modelos celestiais, a invocação de Aratus e as linhas gerais da visão cosmológica do *Sonho de Cipião*. Dois sóis, dois modelos celestes, duas escolas filosóficas e, mesmo, dois Cipiões apresentam a ordem cósmica e a relação intrínseca entre a cidade e o cosmos.

# CULTIVAR A TERRA OU EMPRESTAR DINHEIRO A JUROS? CONSIDERAÇÕES SOBRE A RENTABILIDADE DA VINHA FACE AO MERCADO DE CRÉDITO NA ROMA DO INÍCIO DO SÉCULO I D.C

*Deivid Valério Gaia (UFRJ)*

Nesta conferência será abordado um tema que foi o centro de uma polêmica entre os romanos na passagem do século I a.C. para o século I d.C. De um lado, têm-se os defensores da honorabilidade da atividade agrícola e de sua rentabilidade - neste caso, será tomado como exemplo a produção da vinha - e de outro, tem-se a própria prática rentável e inveterada das atividades creditícias - o empréstimo de dinheiro a juros. Enquanto o primeiro tema, o cultivo da terra, transita entre o rural e o urbano, o segundo é substancialmente urbano. O trabalho na terra é uma das mais antigas experiências humanas depois da sedentarização. A posse e o cultivo do solo para as sociedades mediterrânicas era um fator importante que conferia boa posição social na cena política das cidades. No entanto, foi no próprio Mediterrâneo Antigo que outra atividade também lucrativa, mas menos honorável, viu a luz do dia: o empréstimo de dinheiro a juros. É certo que as cobranças das taxas de juros eram lucrativas e impactaram o cotidiano de Roma. No entanto, resta saber, a atividade creditícia era mais lucrativa do que o investimento na produção rural, em especial na vinha? Esta é uma questão difícil e não temos dados quantitativos suficientes para responder com certeza. Contudo, pela leitura das fontes antigas, podemos defender que durante a era imperial as receitas dos empréstimos a juros situavam-se entre 4 e 8%; na época republicana, em contextos de instabilidades políticas, os juros podiam ser ainda mais elevados. É preciso também considerar, neste caso, o risco de insolvência da atividade creditícia. Quanto à atividade agrícola, alguns historiadores defendem que o rendimento do investimento era de 5 a 10%; mas estas também não estavam desprovidas de riscos. Portanto, nessa conferência, a proposta principal é levantar esses debates a partir das fontes antigas e das mais recentes discussões historiográficas a fim de iluminarmos a seguinte questão: para o antigo homem romano era mais lucrativo cultivar a terra ou emprestar dinheiro a juros?

# O ARQUÉTIPO DO *HOMEM RÚSTICO* EM APULEIO E NO MOSAICO DA *VILLA DOS LABERII*: UMA ANÁLISE À LUZ DA *PHYSIOGNOMONIA*, DE POLEMON (SÉC. II-III D.C.)

Edjalma Nepomoceno Pina (UFES)

Nesta comunicação, discutiremos a relação entre as representações corporais e a construção de identidades aristocráticas na África Proconsular. A partir da análise do mosaico da *Villa dos Laberii*, localizada na cidade de Uthina, e de passagens de Apuleio (*Metamorphoses; Florida*), identificamos a construção de um arquétipo que as elites africanas entendiam como *vir rusticus*, o “homem rústico”, que envolvia a tanto a aparência física degradada quanto comportamentos tidos como viciosos de lavradores, pastores, escravos, *latrones* e outros perfis de subalternos. Dentre esses grupos, os trabalhadores da terra aparecem com mais frequência, seja na cultura visual, quanto escrita, e são representados com símbolos estéticos pejorativos, como as costas curvadas, o cabelo desgrenhado, excesso de pelos, o uso de peles de animais como vestimenta, entre outros. O camponês, por tanto, seria o exemplo máximo do *vir rusticus*. Como chave de leitura para a análise das fontes, recorreremos ao tratado sobre interpretação dos corpos *De Physiognomonia Liber*, de Polemon, uma vez que, para as elites africanas, bastaria um olhar para identificar se um homem era um *rustici* ou um *erudito*. Esta é uma reprodução da premissa básica da *physiognomonia*, segundo a qual o corpo é uma manifestação do caráter. Tal fenômeno tem ligação direta com as desigualdades econômicas e educacionais, que eram manifestadas na forma como elites e subalternos aparentavam, andavam e utilizavam seus corpos. Nesse sentido, defendemos que o ideário de autores como Apuleio, as representações musivas e os discursos fisiognomônicos, reforçaram a clivagem social vigente por meio da idealização de alguns corpos e estigmatização de outros.

# A RECONSTRUÇÃO DE ANTIOQUIA DE ORONTES ENTRE OS SÉCULOS VI E VIII

*Érica Cristhyane Morais da Silva (UFES)*

Antioquia de Orontes é uma importante cidade do Oriente, da chamada Região do Levante. Fundada no período helenístico, a cidade tem importância na historiografia desde sua origem até o século VI sendo reconhecida por seu impacto na geopolítica do Império Romano até o período tardo-antigo como sugere, frequentemente, alguns especialistas que se dedicaram ao estudo de Antioquia. Tendo sido centro e território estratégico como elo entre Ocidente e Oriente, conhecemos a história da cidade muito mais no contexto do Mundo Antigo do que no período da Idade Média. Por isso, propomos, na presente apresentação, o estudo da cidade em contexto medieval (a cidade bizantina, árabe-bizantina e islâmica) entre os séculos VI e VIII de modo a compreender seu lugar e importância em contexto da Alta Idade Média e redimensionar a imagem de Antioquia que ainda permanece como um centro distinto e, sobretudo, estratégico que impacta a política seja da Região do Levante, em particular, seja, na sua condição de intersecção que conecta as políticas dos Impérios e Reinos ocidentais e orientais.

## ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, VIDA URBANA E CONFLITO: A ATUAÇÃO POLÍTICA DE DION EM PRUSA (SÉCS. I-II D.C.)

*Esdra Erlacher (UFES)*

O objetivo da presente comunicação é tratar da atuação política de Dion de Prusa, em sua cidade natal, como um administrador da *pólis*, nos séculos I e II. A *pólis*, no Principado, era um espaço de disputas permanentes pelo poder, no qual a elite local negociava sua autonomia e privilégios, em face da dominação romana no Mediterrâneo oriental. Diante desse cenário, nosso propósito é analisar a atuação política de Dion em Prusa, uma das cidades do Ponto-Bitínia, com destaque para o seu papel como representante da burocracia municipal, uma vez que atuou como porta-voz de seus concidadãos perante as *póleis* vizinhas, os governadores e o poder imperial, assim como benfeitor (evergeta)

de sua *pólis*. Na condição de evergeta edilício, Dion financiou um ambicioso projeto de reforma do espaço cívico de Prusa, tendo sofrido resistência de parte da elite local, que se opôs à atuação do orador na cidade, acusando-o de corrupção e má-administração. Acreditamos que Dion tornou-se um político local, ou seja, alguém que fazia parte da administração municipal, atuando tanto como porta-voz de Prusa quanto evergeta edilício, tendo o objetivo de angariar prestígio e influência política e social para si, após regressar de seu exílio. Como consequência, o orador se envolveu em embates com membros da elite de Prusa, o que o levou a elaborar diversos discursos com o propósito de se defender e de recuperar a sua honra. Para a análise ora proposta, utilizamos como fontes os discursos cívicos proferidos por Dion em sua cidade natal, Prusa.

## CENAS DE INTIMIDADE E DE *PHILÍA* NOS GINÁSIOS ATENIENSES

*Fábio de Souza Lessa (UFRJ)*

O ginásio, espaço público e indissociável da *pólis*, era um espaço socialmente construído, onde os valores gregos eram exaltados através, sobretudo, das interações sociais, especialmente na esfera dos *agônes* atléticos. Daremos especial ênfase a intimidade das relações entre os cidadãos que ganhavam relevo no interior dos ginásios. Tais relações eram objeto de uma espécie de ritualização que, ao impor-lhes várias regras, dava-lhes forma, valor e interesse. Vale reforçar que os jogos entre homens e rapazes aconteciam no espaço aberto/público dos ginásios. As imagens pintadas na cerâmica ática do período clássico (séculos V e IV a.C.) serão a documentação essencial para a nossa análise, mas mantendo um diálogo com os textos literários.

## A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL NA ANTIGUIDADE TARDIA: LIBÂNIO E O CONTROLE DA *CURIA* DE ANTIOQUIA PELOS *PRINCIPALES*

*Gilvan Ventura da Silva (UFES)*

Nessa palestra, tempos por objetivo discutir como, na segunda metade do século IV, os conselhos municipais (*curiae*) se tornam pouco a pouco controlados por um seletivo grupo de *curiales* que são designados, nas fontes, como *protoi*, *primarii* ou *principales*. Com base nos discursos 48 e 49 de Libânio, um dos mais importantes oradores da Antiguidade, examinaremos a situação da *curia* de Antioquia na década de 380, num momento em que o poder imperial toma diversas providências no sentido de impedir aquilo que se convencionou denominar “fuga dos decuriões”. Nossa hipótese é a de que, na época tardia, não é possível constatar a falência das *curiae* nem tampouco o colapso da cidade antiga, por elas administrada, sendo antes tratar o assunto nos termos de uma recomposição das elites locais e um rearranjo na gestão municipal.

## ETNOGRAFIA NA BACIA DO DANÚBIO PRÉ-ROMANO: UM MAPEAMENTO DOS *ETHNE* NO PERÍODO ANTERIOR AO INFLUXO ROMANO

*Guilherme de Aquino Silva (UFES)*

Esta comunicação tem como propósito compartilhar os resultados parciais de nossa pesquisa no âmbito do doutorado em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Nosso objetivo é demonstrar a maneira pela qual conduzimos as investigações acerca das populações pré-romanas que habitavam a região da bacia do rio Danúbio. Por meio de um detalhado mapeamento étnico, conseguimos observar a distribuição geográfica dos diferentes *ethne*. Em seguida, buscamos compreender o *modus vivendi* de cada comunidade, sobretudo no que diz respeito à ocupação do espaço e à utilização dos recursos locais.

# MOBILIDADE URBANA NA ANTIGUIDADE TARDIA: UM ESTUDO DA FUGA DE ARISTOCRATAS DA CIDADE DE CESAREIA, PROVÍNCIA DA CAPADÓCIA (SÉCULO IV EC)

*Helena Amália Papa (UNIMONTES)*

A Província da Capadócia fazia parte da Diocese do Ponto, criada durante o governo Tetrárquico na Ásia Menor (Anatólia). Esta província não possuía acesso direto ao Mar Mediterrâneo ou para o Mar Ponto-Euxino, atualmente conhecido como Mar Negro. Por meio dela, importantes rotas comerciais terrestres realizavam o escoamento de bens de consumo e culturais, estabelecendo entroncamentos cruciais. Dessa forma, as cidades próximas a essas rotas desempenhavam um papel estratégico nas negociações político-culturais, resultando em disputas cidadinas. A capital da província, a cidade de Cesareia, destacava-se nesse contexto. Em 372 EC, o imperador Valente determinou a divisão da Província da Capadócia em duas partes, conhecidas historiograficamente como Capadócia Primeira ou do Norte e Capadócia Segunda ou do Sul. Nesse cenário, Cesareia, localizada na Capadócia Segunda, rivalizava com a capital da Capadócia do Norte, a cidade de Tiana. Esta palestra tem como objetivo analisar uma mobilidade urbana dentro da Província da Capadócia, com base na denúncia do bispo Basílio da cidade de Cesareia (329/331-378 d.C.), sobre a fuga de magistrados e aristocratas de sua cidade para a capital da Capadócia Primeira. Essa migração visava conquistar postos na nova hierarquia cidadina.

## A PAISAGEM COMERCIAL DE CONSTANTINOPLA: ESTRUTURAS ECONÔMICAS, COTIDIANO E DESENVOLVIMENTO DE UMA METRÓPOLE PÓS-CLÁSSICA

*João Carlos Furlani (UFES)*

A partir da pequena *pólis* de Bizâncio, Constantinopla se transformou numa digna metrópole com Constantino, em 330. Essa transformação marcou o início de um crescimento exponencial da cidade, atraindo uma população diversificada que contribuiu para sua riqueza sociocultural.

Constantinopla tornou-se um símbolo de poder imperial, com estruturas monumentais, como colunas, igrejas, fóruns e mercados, de modo a refletir o poder dos imperadores e a mescla entre as culturas romanas, gregas e locais. Esta palestra explorará a paisagem comercial de Constantinopla nos séculos IV e V, com foco na arquitetura urbana e na geografia da cidade, além de examinar a interação entre topografia comercial, estruturas arquitetônicas e o ambiente único da cidade. A principal fonte documental utilizada é a *Notitia Urbis Constantinopolitanae*, um registro compilado por volta de 425, que detalha diversos tipos de edifícios. Além dessa fonte, nos valeremos de estudos arqueológicos, os quais forneceram informações valiosas sobre as estruturas comerciais da Capital. Acreditamos que o mapeamento comercial de Constantinopla revela a complexa interação entre fóruns, ágoras, mercados e portos, atividades cotidianas e dinâmicas sociais de uma cidade que se destacava como um crescente centro econômico e cultural.

## A CIDADE DE *BRACARA AUGUSTA* E O SEU TERRITÓRIO: VELHAS QUESTÕES E NOVAS LEITURAS

*Manuela Martins (UMINHO)*

O desenvolvimento da arqueologia urbana europeia a partir dos anos 60/70 do século XX operou uma verdadeira revolução no conhecimento do universo urbano romano, contribuindo para uma melhor compreensão do modelo de organização das cidades que integraram o extenso Império Romano. De facto, a acumulação de dados relativos a largas centenas de cidades de fundação romana ampliou de forma exponencial o conhecimento do urbanismo e das expressões de arquitetura romana nas diferentes geografias do Império, o que permitiu ampliar os horizontes de interpretação do mundo urbano antigo, progressivamente alargados aos âmbitos económico, social e simbólico. Esta ampliação dos interesses sobre o mundo urbano romano, muito influenciada, a partir dos anos 80 do século XX, pela Geografia Cultural e pela Antropologia, contribuiu também para uma revalorização da informação epigráfica e literária e para a revisitação das bem conservadas cidades de Pompeia,

Herculano e Óstia, inspiradoras de novas formas de olhar os dados do passado que convocam abordagens multidisciplinares. O estudo dos territórios das cidades romanas constitui um importante tema de investigação que se desenvolveu a partir da década de 70 do século XX, através da utilização de metodologias inovadoras características do quadro da Nova Arqueologia processualista. No entanto, o estudo, dos territórios das cidades romanas raramente se estruturou em articulação com o das cidades, merecendo por isso, poucas abordagens ou reflexões de conjunto. Neste contexto, merece destaque o projeto integrado de estudo da cidade de *Bracara Augusta*, que tem vindo a ser objeto de um estudo sistemático, tendo por base as escavações realizadas no âmbito da arqueologia urbana de Braga, iniciada em 1976, articulado com o estudo do território, em desenvolvimento desde a década de 80 do século XX. Nesta conferência procuraremos refletir sobre a evolução das perspetivas de análise das cidades romanas e dos seus territórios, destacando-se os sucessivos paradigmas que têm norteado a investigação e os recentes avanços metodológicos no estudo da cidade clássica, privilegiando-se exemplos da Itália e da Hispânia. Tomando por referência a cidade de *Bracara Augusta*, desvendada pela arqueologia urbana, procuraremos valorizar o seu traçado urbano e arquiteturas como contextos ordenadores das atividades e comportamentos, uma abordagem que permite perspetivar a cidade clássica como espaço em permanente evolução material, cultural, económica, mas também social. Simultaneamente, procuraremos articular a dinâmica urbana com as possíveis conetividades que se estabeleciam com o território, uma perspetiva de investigação que tem vindo a ganhar crescente protagonismo.

## **ESPAÇO URBANO NO EGITO ROMANO: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO**

*Marcia Severina Vasques (UFRN)*

Ao tratar do urbanismo no Egito Romano precisamos retroceder ao período faraônico e para a discussão do conceito de cidade. Pela própria delimitação espacial do Egito, não havia uma nítida distinção entre espaço urbano e rural, já que as áreas de concentração da população

eram próximas ao Nilo, assim como o campo agrícola. Com a conquista macedônica e a posterior monarquia ptolomaica, seguida pelo domínio romano, a valorização de determinadas cidades com estatuto de pólis no Egito, começando pela sede do poder administrativo, Alexandria, favoreceu a formação de uma elite cidadina aos moldes helênicos. O poder administrativo romano, em conjunto com as elites gregas do Egito, das pólis estabelecidas em território egípcio e das metrôpoles, capitais dos nomos, marcaram uma diferenciação do espaço urbano no país, seja pela construção de edifícios públicos, seja pelos modelos das casas e das necrópoles. As trocas e influências culturais recíprocas, entre as culturas egípcia, grega e romana (para citar apenas essas três), intensificaram-se com o urbanismo desenvolvido na época greco-romana, um fator que, mesmo com o apego egípcio à tradição, impulsionou os contatos culturais e as assimilações religiosas em território egípcio. A relação entre a tradição e a inovação trazida pelo urbanismo e as possibilidades de expressões de religiosidades múltiplas são os aspectos que buscaremos debater nesta apresentação.

## **EXPANSÃO FENÍCIA NA PENÍNSULA IBÉRICA: MODOS DE OCUPAÇÃO DIVERSIFICADOS?**

*Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos (USP)*

Os fenícios compartilham com os gregos a liderança nas navegações e fundações de novos assentamentos pelas terras da Bacia Mediterrânea desde o início do período clássico. Em particular, no caso fenício, uma das motivações mais aceitas pela historiografia foi a procura por matérias primas para serem comercializadas em outras praças, em particular, metais brutos. E um dos locais primordiais de aquisição destes e outros produtos foi a Península Ibérica, em particular a região da atual Andaluzia. Pesquisas arqueológicas estão, cada vez mais, confirmando esse estado das coisas, descobrindo a intrincada rede de contatos estabelecida com as populações locais e a paisagem da ocupação fenícia. Nesta palestra, pretendemos discutir a essência desta paisagem. Podemos falar de uma organização espacial semelhante à grega? Ou seja, dividida entre uma

*khóra*, um espaço rural, e uma *ásty*, um núcleo urbano? Ou estamos diante de modalidades de expansão e ocupação diversificadas, como o modelo do *empóron*? É possível traçar desenvolvimentos e transformações da relação com o território ao longo do tempo? Traremos particularmente exemplos da Península Ibérica, região que tem sido muito pesquisada, com estudos de caso específicos, os quais nos permitem elaborar, ainda que de maneira inicial, hipóteses mais generalistas acerca do espalhamento fenício pelo Mediterrâneo.

## A CIDADE E O TERRITÓRIO DE BRAGA ENTRE A ANTIGUIDADE TARDIA E A ALTA IDADE MÉDIA

*Maria do Carmo Franco Ribeiro (UMINHO)*

As investigações arqueológicas realizadas nas últimas décadas têm sido cruciais para um maior e melhor conhecimento acerca das alterações ocorridas nas cidades e territórios da Europa ocidental, entre a Antiguidade Tardia e Alta Idade Média. Efetivamente, a partir do século IV, registam-se importantes transformações na organização das paisagens decorrentes da instabilidade política e da cristianização dos territórios. Essas transformações associam-se à construção de infraestruturas defensivas urbanas que determinam importantes mudanças topográficas nas cidades romanas e ao aparecimento de novas elites ligadas aos poderes laico e eclesiástico, responsáveis pela concretização de novos projetos e modelos arquitetônicos sagrados e funerários que criam uma nova paisagem suburbana.

Porém, importa, destacar que o destino das cidades romanas foi muito diferenciado, pois algumas foram completamente abandonadas, enquanto outras têm continuidade durante a Idade Média, facto em boa parte devido à sua importância enquanto sedes episcopais, muito embora o renascimento urbano medieval tenha ocorrido essencialmente partir do ano 1000. Braga foi uma das cidades da Península Ibérica que conheceu uma continuidade histórica até os tempos contemporâneos, cuja origem romana é bem conhecida graças às escavações desenvolvidas no âmbito do projeto de arqueologia urbana que aí se desenvolve desde

1976. Também o território do Noroeste Peninsular tem sido objeto de importantes projetos de investigação, alguns dos quais em cooperação internacional. A criação de novas centralidades administrativas e religiosas e a redução demográfica urbana, registada sobretudo a partir dos séculos VII e VIII, conduziram à reconfiguração do espaço urbano bracarense durante a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, quando se assistiu à reconfiguração da sua área urbana com a construção de uma nova cerca defensiva e a nuclearização habitacional em torno das basílicas construídas ao longo dos caminhos periféricos. A construção de basílicas na periferia urbana da cidade, de que são exemplo Santa Marta da Falperra, São Pedro de Maximinos, São Vítor e São Vicente, darão, em alguns casos, origem às paróquias suburbanas medievais enquanto no mundo rural se assiste à construção de castelos e de mosteiros, de que são exemplo o Mosteiro de São Salvador de Montélios e São Martinho de Dume, a par da introdução de uma estrutura de povoamento largamente baseada no “casal”. Nesta apresentação procuraremos evidenciar as mudanças ocorridas na paisagem romana e tardo antiga que justificam as persistências que naturalmente influenciaram a configuração da futura paisagem medieval do território bracarense.

## **CIDADES E EPISCOPADO NA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: OS CASOS DE ROMA E ARLES (SÉCULOS V-VI)**

*Paulo Duarte Silva (UFRJ)*

Nas últimas décadas, os estudos culturais e a ampliação das evidências fruto de análise arqueológica permitiram a ampliação da compreensão histórica a respeito do papel dos bispos na condução dos assuntos urbanos desde o século IV. Com isso, abriu-se caminho para a reavaliação de interpretações tradicionais a respeito das tensões entre espaços e “cristianismos” e “paganismos” e mesmo da presumida “cristianização” das cidades como processos irreversíveis e uniformes, contribuindo para nuances e um panorama mais diversificado - e, por certo, complexo - das correlações entre a história da igreja e a história urbana no período de transição da Antiguidade ao Medieval. Não obstante, no que se refere

ao estudo do Ocidente imperial e romano-germânico, por conta da centralidade nos assuntos eclesiásticos e pela abundância de evidências - dentre outros aspectos, a cidade de Roma e o "Papado" ocupam uma posição paradigmática na análise histórica. Nesta conferência, apresentamos as conclusões da comparação das atuações dos bispos de Roma com a de seus correligionários de Arles, cidade do sul da Gália relevante nos campos político e eclesiástico entre os séculos V e VI. Com isso, confrontaremos o papel episcopal em ações edilícias e diplomáticas, bem como em situações de crises militares mais agudas. Como veremos, o enfoque comparativo entre as cidades e seus líderes se mostra ainda mais pertinente se considerarmos as relações cambiáveis, ora de aproximação, ora de rivalidade, assumidas entre suas lideranças.

## **DOS NÚCLEOS RURAIS AO ESPAÇO URBANO MEDIEVAL. A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE EM SANTIAGO DE COMPOSTELA**

*Rebeca Blanco-Rotea (UMINHO)*

Santiago de Compostela (Galiza, Espanha), declarada Cidade Património da Humanidade em 1985 e um dos centros de peregrinação mais importantes da Cristandade, continua a atrair um grande número de peregrinos até aos dias de hoje. No entanto, a cidade de Santiago foi-se formando ao longo da Alta e Média Idade a partir de pequenos núcleos populacionais e, sobretudo, de uma decisão político-religiosa que desempenhou um papel importante na reconfiguração de poderes durante o início da Idade Média no norte e noroeste da Península Ibérica. Neste trabalho analisaremos a configuração da cidade entre o século IX e os finais da Idade Média, o seu planeamento urbanístico e o papel fundamental da Catedral de Santiago de Compostela nesta configuração. Analisaremos também o papel da arqueologia na compreensão da cidade de Santiago.

# A SACRALIZAÇÃO DA URBE: LISBOA MEDIEVAL E OVIEDO; MODELOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA TOPONÍMIA SUBLIME

*Renata Cristina de Souza Nascimento Pereira (UFG/PUC-GO)*

Na Península Ibérica, a presença das relíquias dos santos e de vestígios ligados à história de Cristo contribuíram para a sacralização simbólica da região. Impulsionada por interesses amplos, a exaltação de santidades territoriais de origem hispânica e/ou portuguesa colaborou para a invenção de uma tradição. No fim da Idade Média as rivalidades entre os reinos ibéricos (e entre estes e o restante da Europa), também foram permeadas por disputas, pela posse, qualidade e quantidade de santos. A tentativa de forjar um passado sublime, por meio de corpos e objetos considerados sagrados, serviu para legitimar a narrativa política, criando uma identidade particular para esta região. Reunimos nessa pesquisa dois estudos de casos que marcaram a religiosidade ibérica medieval: O culto a São Vicente Mártir e a veneração à Arca Santa de Oviedo.

## VILLA ROMANA DEL CASALE, UMA VILLA TARDO-ROMANA DA SICÍLIA

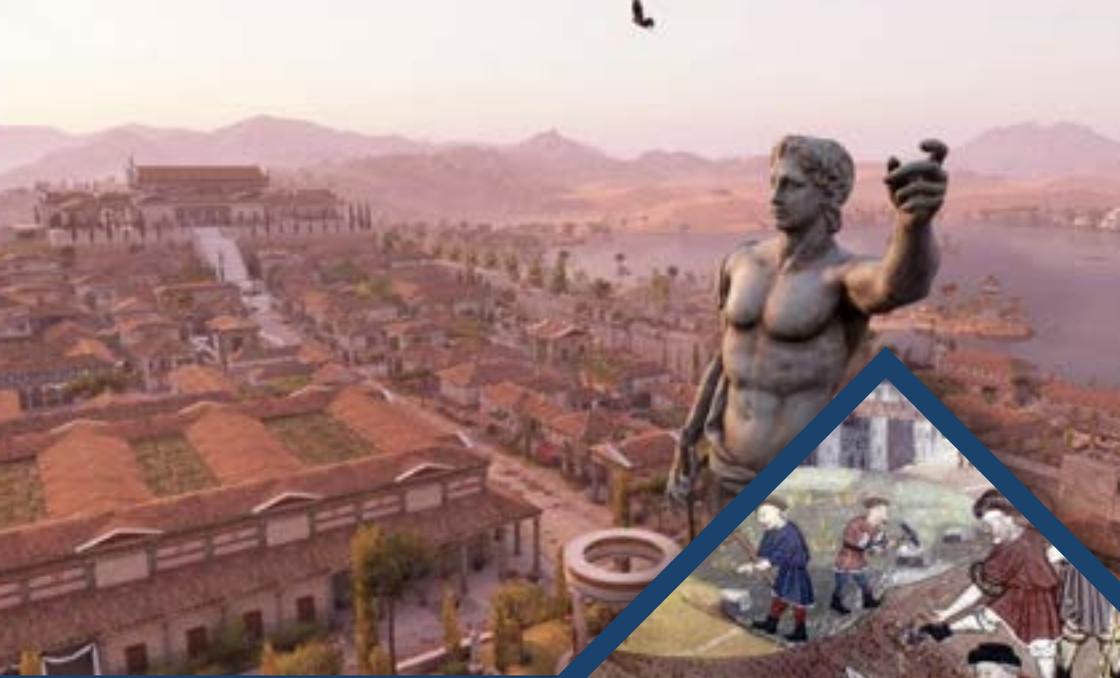
*Vagner Carvalheiro Porto (USP)*

Esta palestra tem o intuito de apresentar e discutir a Villa Romana del Casale, um edifício residencial tardo-antigo, popularmente definido como *villa*, embora não tenha as características da *villa* romana extra-urbana, mas sim do palácio urbano imperial, cujos restos estão localizados a cerca de quatro quilômetros da Piazza Armerina, na Sicília. Partindo deste estudo de caso, teremos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as relações econômicas, políticas e sociais experienciadas dentro do Império Romano. No início do século IV, período de Formação da Villa Romana del Casale, a Sicília rural entrou num período de prosperidade com assentamentos comerciais e aldeias agrícolas que parecem atingir o ápice da sua expansão e atividade. As razões para essa prosperidade estão conectadas com o abastecimento de cereais à Roma. Também, às classes mais abastadas, de categoria equestre e senatorial, que começaram a abandonar a vida urbana retirando-se para habitar em suas residências

no campo, devido à crescente carga fiscal e às despesas que tinham de pagar nas cidades. Quantias consideráveis de dinheiro foram gastas na ampliação, embelezamento e na construção de vilas mais confortáveis para o gosto romano. Patrimônio Mundial da Humanidade (UNESCO) desde 1997, Villa Romana del Casale é famosa, principalmente, graças à beleza excepcional de seus mosaicos, perfeitamente conservados ao longo do tempo.







Acompanhe nossas atividades



[www.leir.ufes.com.br](http://www.leir.ufes.com.br)

